

# O RECREATIVO

Orgão litterario

ANNO I

N. 2

RIO DE JANEIRO, 23 DE MAIO DE 1879



3.198

Recebemos um folheto trazendo uma poesia dedicada á guerra do Paraguay.

Fazer o *eloquio* conveniente a esta poesia, seria encher as columnas do nosso jornal e para que tal não succeda damos uma estrapha para que os nossos leit res avaliem este primor d'arte do Sr. Joaquin da Sant'Anna. Eil-a:

Quero contar o combate  
Que ouve em Itapiru,  
Com tanto mal paraguayos  
Fizemos a estes tufu,  
Como faz herou de rato  
Nas tripas do gabiru.

O RECREATIVO

## As victimas da imprensa

Ha quatro seculos que um fidalgo allemão chamado Guttemberg teve a gloria de descobrir a imprensa. Elle foi ainda muito moço para Straburgo e ali associou-se com André Dayzaha, que pouco depois falleceu.

Guttemberg começou a trabalhar dos 20 annos e aos 50 fez sahir á luz a sua descoberta.

Tornou-se a associar com Pedro Schoeff r e com o usurario Faust que fornecia o dinheiro necessario.

Em 1454 appareceu a primeira pagina impressa.

Schoeffler casou com a filha de Faust que morreu de peste em Pariz.

Guttemberg ficou reduzido á maior miseria e morreria se Adolpho de Nassau não se compadecesse d'elle e o recolhesse em seu palacio.

Guttemberg que tinha o orgulho de fidalgo nunca quiz passar por inventor da imprensa.

Schoeffler morreu assassinado pelos soldados de Adolpho quando estes assaltaram a cidade.

Algum tempo depois por uma carta do filho de Schoeffler soube-se que o inventor da imprensa fora Guttemberg.

## Miscellanea

— Este frei André denota ser boa pessoa.

— Diga antes boa cousa.

— Porque ?

— Porque o frade é cousa e não pessoa.

Uma testemunha dava o seu depoimento.

— Eu vi como se passou o caso, dizia, um chamou o outro de burro. . .

— Dirija-se aos senhores jurados, interrompeu o juiz.

Um individuo altercava com o visinho. Afinal disse zangado : =  : =  :

— Desejava que os estupidos fossem lançados ao mar.

A mulher que ouvia isto exclamou :

— Não meu marido, tu não sabes nadar.

O decifrador das charadas que se publicarem n'este jornal, terá por premio um mez de assignatura, As do n. 1 são : Cada falso Damino, Roda-roda e Charada; decifradas pelo Sr. Sebastião Lobão. Para este numero temos :

2—3 O titulo está dentro do peito e é para homens illustres.

1—1—3 A particula da preposição é a questão da liberdade.

1—2 Esta preposição com café é agradável.

1—2 Esta nota apanha o peixe e é do fogo.

1—2—1 Olhei o particípio immenso d'aquelle gazoz.

## MOTTE

Sobre a pyra fumegante  
Ardem ternos corações.

## GLOZA

Diss: um dia o Deus tonante :  
« Oh! minha cara mãesinha  
« Asse lá essa sardinha  
« Sobre a pyra fumegante.  
« Vá-se d'ahi só tratante »  
Disse a deusa das paixões,  
« Lave d'ahi dois tições  
« Asse a sardinha lá fora  
« Que sobre essa pyra, agora  
« Ardem ternos corações. »

Uma cosinheira amante,  
Tão doudinha como bella,  
Pez a cozer a panella  
Sobre a pyra fumegante.  
Amor chega n'esse instante  
E dá-lhe dois cachações;  
« Não tens lá fora tições?  
« Põe-te a andar grande velhaca  
« Aqui não se assa vacca  
« Ardem ternos corações »

## FOLHETIM

## IRMÃO E IRMÃ

POR PEDRO ZACCONE

## CAPITULO I

(Continuação)

Peterson abanou a cabeça em signal de resignação e subio para o leito onde um quarto de hora depois, dormia roncando ruidosamente.

Eric considerou-o um instante; depois apagando a luz approxiou-se da janella e abriu-a.

A noite estava fria, o vento soprava pelos angulos da casa, o aspecto do campo era triste e sombrio.

Eric encostou-se á janella e o seu olhar fitou o horizonte com uma especie de estremecimento selvagem.

O horizonte era fchado ao longe por uma cadeia de montanhas e sobre ellas tres castellos elevavam suas orgulhosas torres.

Era para este lado que se dirigia o olhar de Eric...

## VARIÉDADES

## O MELHARUCO

NOVELLA POR EILIKS BERTHET

(Continuação)

O meoino continuou a sua historia :

— Nininha ficou muito contente e levou o passaro para casa. Fez-lhe um ninho de algodão branco e ambos empregamos o maior cuidado.

Bem depressa o nosso protegido cresceu. Em vez d'essa creaturinha nua e soffredora, que tinhamos recolhido, tivemos um lindo melharuco, vivo e esperto com azas azues e uma pouca azulada que levantava altivamente quando estava alegre ou colerico. Saltava e chilava; todo o dia procurava edir-nos a liberdade.

« Eu disse a Nininha :

« Não devemos conservar preso este passaro porque lhe salvamos a vida.

« Nininha pôz-se a chorar, mas regressou no melharuco e juntos desceram ao jardim.

« Nininha viu a natureza tão b dia, encasou o assaro e disse :

« — O ingrato bem de Deus nos esquecerá.

« btemos um b ijo no nosso favorito e Nininha abriu a mão, voltando os olhos.

Antes, porém, de continuar a nossa narração, convém que voltamos alguns annos atraz.

Era no tem o em que Stockholm soffria o jugo de Christierno rei de Dinamarca.

Uma noite uma joven e um mancoço sahiram de uma aldeia dos arredores de Stockholm e encaminharam-se, apoiados um ao outro, pela estrada que conduz ao mar.

O mancoço estava meio pallido e parecia agitado e a joven chorava, inclinando a fronte em s u hombro.

Algun tempo depois a joven começou a soluçar. O mancoço beijou-a na fronte e disse-lhe :

— Branca, minha querida irmã, rouba-me a coragem que me resta.

— Eric, não sei o que se passa em mim; mas parece-me que vou morrer.

— Criança ! e que havia de ser de nosso pai ?

— E' verdade.

— Eu parto e elle não tem mais ninguem no mundo do que a sua amada Branca.

— Meu Deus! batbuciu a joven.

(Continua)

« O melharuco fendeu rapidamente o ar e foi jogar n'uma arvore vizinha, onde começou a cantar, como para celebrar a sua liberdade; e por mais harmonioso que fosse o seu canto despedaçava o coração de Nininha que não pôde conter a sua dor, estendeu os braços para o melharuco chamando-o *Faisca! Faisca!*

« Era esse o nome que lhe havia dado.

« *Faisca*, a essa voz tão conhecida, desceu da arvore e veio assentar-se no collo de sua senhora. Oh! eo no Niniche considerou-se feliz!

« Minha irmã faltava com voz doce e o melharuco cantava; sempre corriam pelas faces de Nininha grossas lagrimas.

« — Esta s'vendo, disse-me ella com orgulho. *Faisca* não me quer deixar mais.

« Rabee irmã! mal sabia ella que faltava a verdade! . . .

(Continua).

## Uma historia de amores

POR CARLOS A. C. BURLAMAQUI

(Continuação)

Passaram-se seis dias (que para mim arcearam seis annos) sem que elle viesse á nossa casa. No s'xtimo, um domingo, á tarde, bateram á porta. Era elle! achei-o mais magro.

— Esteve doente? perguntei-lhe.

— Estive com febre de amor, disse-me elle sorrindo.

— Pois tambem ha febre de amor?

— Ha muitas especies de febres; não sabia?

— Não, lhe respondi.

De pois d'isto ficamos silenciosos.

De repente vejo elle levantar-se, dirigir-se a mim e abraçar-me. Eu n'um excesso de pudor repelli-o mas elle acertava-me contra seu peito.

— Deixe-me, langueme, balbuciava eu.

— Oh! não, não, eu amo-te muito,

Quiz gritar mas um torpor percorreu-me o corpo e desmaei! Elle aproveitou-se do meu desmaio e quando tornei a mim, estava d'shozada! e elle havia desaparecido,

— Miserável! bradei em encolerizado.

— Sim, Carlos, sou uma miserável.

— Não, Alice, não foi a ti que chamei miserável. foi a elle porque violentou-te.

— D'esde esse dia, continuou ella, não o vi mais senão hoje na occasião em que desmaei.

As lagrimas corriam-lhe em grande abundancia pela face.

Chegou a noite e o pai de Alice veio buscá-la.

(Continua).

## POLHETIM

### O SEGREDO

#### CAPITULO I

##### A CONFIDENCIA

N'uma es lousada manhã de Janeiro, quando o sol principiava a apparecer derramando seus primeiros raios matinaes, duas moças passeavam n'uma chacara, conversando amigavelmente.

Depois de a percorrerem toda e estarem fatigadas, sentaram-se ambas n'um banco de pedra á sombra de uma arvore.

A mais jovem parecia preocupada em serias meditações.

Era esta uma linda moça de 20 annos de idade. Os seus louros cabellos espalhavam-se pelos hombros de uma maneira encantadora. Chamava-se

Adelaide. A outra era tão linda como sua amiga. Tinha 22 annos, seus cabellos eram excessivamente n'ros e chamava-se Aurora.

Sentadas no banco permaneceram silenciosas; por fim a mais velha rompeu aquelle silencio:

— Que tens, Adelaide? perguntou ella, parece-me triste.

— Eu! nada, Aurora, respondeu a outra esforçando um sorriso.

— Não, Adelaide, tu occultas-me alguma coisa e fazes mal porque eu sou a tua melhor amiga e mais velha do que tu.

— Nada te occulto.

— Não, tu tens qualquer coisa e eu quero saber.

— Pois bem ouve-me.

— Sou toda ouvidos.

Adelaide endireitou-se no banco de pedra e começou a seguinte narração:

Carlos A. C. Burlamaqui

(Continua)

## O amor repellido

POR CARLOS A. C. BURLAMAQUI

O theatro enchia-se; os camarotes, á excepção de um, estavam cheios.

De repente um sussurro ouviu-se na multidão e todos voltaram os olhos para o camarote que até então conservara-se vazio.

Uma bella dama appareceu e de cabeça erguida e olhar activo, fitou a multidão.

Um sorriso lhe pairou nos labios, vendo o effeito que a sua entrada produzia.

Defronte de seu camarote achavam-se dois mancebos, dos quaes, um, entregava-se á apreciação da comedia que se representava e outro contemplava extasido aquella celestial belleza, que d'fronte d'elle estava,

— Oh! como é bella, murmurava elle.

O espectáculo terminou-se. O mancebo esperou-a na porta.

Ella subindo em seu carro e elle alugando outro partirão.

Meia hora depois os dois carros paravam. Ella entrou n'uma casa de dois andares e elle accendendo um phos, horo escreveu n'uma carteira o nome da rua e o numero da casa em que ella havia entrado.

(Continua).

## FANTASIA

### O homem do manto negro

POR JOSÉ FRANCISCO DE MACEDO JUNIOR

Eram 10 horas. Coberto de negras nuvens estava o céu. As ruas achavam-se immersas em profunda escuridão que tornava-se medonha quando allumiadas pelo fulgor dos relampagos.

O trovão fazia-se ouvir amiudadas vezes.

Nenhum transeunte era visto nas ruas, porque todos temiam a colera do rei das regiões ethereas.

De boa vontade ter-me-hia sujeitado a Morpheu, mas não o permittia a ira da tempestade. Achava-me pois, deitado, tendo estampada no rosto a contraniedade porque me obrigava a ser testemunha da furia dos trovões. Era o dia 8 de Setembro de 187... dia seguinte aquelle em que a nação brasileira libertou-se do jugo que a opprimia, dia que os verdadeiros braziliros jámais esquecerão. De repente tendo-se abento a porta, apresentou-se a meus olhos espavoridos um desconhecido cujo rosto achava-se encoberto com uma mascara e cujo corpo estava envolvido em um manto negro.

Imagine o leitor o susto que de mim se apoderou, eaperava que cessasse o ribombar dos trovões afim de dirigir-me para casa, oude, afflieta, devia estar me esperando minha esosa.

Era aquelle o vigesimo quarto mez deois do nosso casamento que se effectuou na igreja de . . .

Ao ver o mysterioso ante que se me apresentava de um moçoito branco com uma tarrote, engalhei um revolver que sempre trazia commigo e resolvido a fazer-lhe fogo, disse-lhe:

— Para; se tons amor á vida.

O desconhecido encostou os hombros, ceni-quando a caminhar para mim.

— Já não ha um só homem a que não esteja adherente a loucura. Imbecil! não sabes tu que, se aqui vim, é porque quero te |atestar os vis enganos de que és victima.

« Sim! Tu não me conhecias; não sabias se eu vinha aqui como amigo ou como inimigo; e apesar disso, tu não duvidas em riscar meu nome do r o dos vivos.

(Continua).

## EXPEDIENTE

**As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia onde tambem se recebe as signaturas a \$60 rs. mensaes**

Typ. — LOBÃO, — Rua do Hospicio n. 147